 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 054. Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira

Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa) - Coordenador/a, Luciana de Oliveira Chianca (UFPB) - Coordenador/a, Ulisses Neves Rafael (Universidade Federal de Sergipe) - Debatedor/a, Lady Selma Ferreira Albernaz (ufpe) - Debatedor/a

A pesquisa de inspira??o participante marcou a busca de uma constru??o reflexiva e dial?gica no campo antropol?gico, notadamente a partir dos anos 1970, no Brasil. O fazer antrop?logo expandiu-se ent?o consideravelmente, na percep??o de que saberes acad?micos, cient?ficos ou human?sticos pressup?em uma fus?o de horizontes com os saberes populares e locais, sejam eles tradicionais ou n?o. Tal pressuposto transformou o cotidiano de muitos professores e pesquisadores, sendo que nas universidades brasileiras ele foi traduzido pela incorpora??o oficial da extens?o no bin?mio ensino/pesquisa, relacionando conceitual e inexoravelmente a universidade p?blica com a sociedade e suas demandas. Este GT prop?e o debate de aspectos conceituais, metodol?gicos, pol?ticos, relacionais e pedag?gicos de pr?ticas extensionistas em diferentes contextos de atua??o e em rela??o com ?reas de conhecimento conexas ? antropologia. S?o bem-vindos relatos de experi?ncia e an?lises de programas, projetos de extens?o universit?ria e a?es ?extramuros?, voltadas para educa??o, arte, sa?de, meio-ambiente, patrim?nio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local, trabalho e renda. Deseja-se estimular reflex?es e cr?ticas sobre o preceito da indissociabilidade das dimens?es de ensino, pesquisa e extens?o, considerando-se as condi?es objetivas e subjetivas da implementa??o das a?es e media?es extensionistas nas distintas regi?es do Brasil.

Sobre violências, vivências e resistências: educação, gênero e currículo

Autoria: Andressa Goulart Caroly, Thiago Vinícius Silva da Luz

Os debates acerca de temas como gênero, sexualidades e identidades dos sujeitos há muito tempo vêm sendo negligenciados pelo currículo vigente e formal da escola. O discurso, contudo, acerca do que é considerado feminino e do que é considerado masculino percorrem os corredores e adentram os mais diversos e inusitados espaços através de conversas informais entre uma aula e outra, nas quadras de esporte, na sala dos professores e até mesmo dentro da sala de aula ainda que de forma implícita ou extracurricular. À luz dos debates contemporâneos no campo da Educação, da Teoria Feminista e da Antropologia aliados a autores e autoras como Michel Foucault, Judith Butler, Bell Hooks, Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, Sandra Mara Corazza e ativistas transfeministas como Maria Clara Araújo e Amara Moira foi possível traçar um resgaste histórico acerca destes discursos e repensar o currículo de modo crítico, atento as diferenças e socialmente engajado e responsável. Não raro ecoam-se pelas escolas estes discursos sexistas através de frases como ?os meninos tem mais facilidade em matemática do que as meninas?, ?meninas não gostam de futebol?, ?meninos não usam roupas rosa?, ?as meninas são mais delicadas? e ?os meninos são mais violentos? entre outras tantas. A partir destas reflexões foi realizada uma oficina de extensão universitária no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS com as e os estudantes da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos/EJA, intitulada ?Violência Contra a Mulher Cis, Trans e Travesti: Cotidiano, Currículo e o que a Educação tem a ver com isso? na qual foi trabalhado com as e os estudantes temas como sexo/gênero, sexualidades, transfobia, tipos de violência contra as mulheres sejam elas cis, trans, negras, lésbicas, bissexuais entre outras possibilidades de existência e as suas possibilidades de resistência, com o auxílio de vídeos, cartilhas, charges, filmes, séries, dados do Disque 180 e relatos sobre violência. Este work relata e analisa a forma pela qual a oficina

 ISBN: 978-85-87942-61-6

desenvolveu uma ação didática comprometida com a desconstrução: a) dos estereótipos de gênero; b) da suposta essência feminina; e, c) do suposto papel social da mulher na sociedade. Além disso, esteve completamente comprometida com a reflexão sobre como a violência contra pessoas do gênero feminino se constitui não só como fenômeno social, mas como produto de uma organização cultural que não só a legitima como muitas vezes a estimula.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**